

Como fica o ensino de Geografia em tempos de pandemia da Covid-19?

Victor Hugo Nedel Oliveiraⁱ 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo

A chegada da pandemia da Covid-19 trouxe profundas transformações nos mais variados aspectos da vida cotidiana, incluindo as realidades educativas e os processos de ensino-aprendizagem. O principal objetivo do presente texto é apresentar discussões iniciais sobre as possibilidades e potencialidades do ensino de Geografia em tempos de pandemia da Covid-19. Para isso, é realizada breve retomada conceitual sobre o campo do ensino de Geografia, em especial a partir do conceito do objeto de estudo da Geografia – espaço geográfico – e da definição de Geografia escolar, sendo os mesmos contextualizados para o momento contemporâneo. Ainda, são apresentadas algumas considerações a partir da prática docente, no caso dos estudos dirigidos remotos de Geografia, realizados no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao longo do ano letivo de 2020, destacando os movimentos pedagógicos realizados e apontando suas fortalezas e fragilidades percebidas ao longo do processo.

Palavras-chave: Ensino. Geografia. Pandemia. Covid-19.

How is Geography teaching in Covid-19 pandemic times?

Abstract

The arrival of the Covid-19 pandemic brought about profound changes in the most varied aspects of daily life, including educational realities and teaching-learning processes. The main objective of this text is to present initial discussions about the possibilities and potential of teaching Geography in times of Covid-19 pandemic. For this, a brief conceptual review is made on the field of Geography teaching, especially from the concept of the object of study of Geography - geographic space - and the definition of school Geography, being the same contextualized for the contemporary moment. Still, some considerations are presented from the teaching practice, in the case of remote directed studies of Geography, carried out at the College of Application of the Federal University of Rio Grande do Sul, throughout the academic year of 2020, highlighting the pedagogical movements carried out and pointing its perceived strengths and weaknesses throughout the process.

Keywords: Teaching. Geography. Pandemic. Covid-19.

1 Introdução

Muito tem se abordado sobre a chegada da pandemia da Covid-19 nos mais variados aspectos e campos da vida cotidiana. Foi na virada do ano de 2019 para 2020, em uma cidade chinesa, que foi identificada uma nova variante do coronavírus. Mal o mundo sabia que, em poucos meses, os países estariam enfrentando superlotação de hospitais, fechamento de fronteiras, distanciamento corporal e, inclusive, a suspensão de múltiplas atividades presenciais, dentre essas as atividades escolares e universitárias.

Sem haver planejamento para tal evento, escolas e universidades viram-se frente a uma realidade dificilmente antes prevista: a necessidade de realizar atividades integralmente digitais, por um período de tempo desconhecido, com docentes pouco preparados para tal realidade e, no caso das instituições públicas, em especial, com pouca ou nenhuma infraestrutura para o trabalho remoto. O que se pode observar, ao longo dos meses de 2020, foi um pequeno milagre da educação contemporânea, a partir de esforços hercúleos de professores e estudantes, na busca por dar conta de, ao menos, elementos mínimos que garantissem vínculos de aprendizagem, ainda que defasados.

Nesse contexto encontrou-se, também, o ensino de Geografia, componente curricular obrigatório nos anos finais do Ensino Fundamental e inserido, igualmente, no contexto do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos. Uma ciência presente, realizada, efetivada e construída na escola, marcada pela presença de importantes debates em sala de aula, uso de elementos característicos como mapas e globos, realização de saídas de estudos para trabalhos de campo, entre outros tantos elementos fundamentais dessa realidade.

Assim como para os demais contextos curriculares, a chegada da pandemia da Covid-19 e a conseqüente realização de estudos remotos, o ensino de Geografia sofreu profundas modificações nesse contexto. O principal objetivo do presente texto, portanto, constitui-se em apresentar discussões iniciais sobre as possibilidades e potencialidades do ensino de Geografia em tempos de pandemia da Covid-19, a partir de debates contemporâneos dessa nova realidade pedagógica.

2 Metodologia

3

Metodologicamente, e em uma leitura associada a Gil (2007), em relação aos objetivos, tratou-se de pesquisa exploratória, uma vez que buscou proporcionar maior familiaridade com um problema, posto no próprio título do texto, ou seja: como fica o ensino de Geografia em tempos de pandemia da Covid-19? Já em relação aos procedimentos, tratou-se de investigação bibliográfica, uma vez que foi realizada a partir de material já publicado, como os livros e os artigos em questão. Quanto à natureza, tratou-se de pesquisa aplicada, já que objetivou gerar conhecimentos para aplicações práticas em natureza de um problema específico.

Duas seções básicas compuseram a investigação, sendo, a primeira, objetivada por uma retomada de dois conceitos básicos: o objeto de estudos da Geografia – o espaço geográfico – a partir da obra de Milton Santos e a definição de Geografia escolar, a partir das discussões proporcionadas por Lana de Souza Cavalcanti. Realizada essa retomada conceitual, proporcionaram-se reflexões as quais possibilitaram atualização dos conceitos para o momento contemporâneo de pandemia e suas implicações no cotidiano, nos saberes e nos fazeres do ensino de Geografia.

Num segundo momento, a partir do caso relatado e publicado do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em relação aos estudos dirigidos remotos do componente curricular de Geografia, buscou-se evidenciar quais potencialidades e quais limitações foram encontradas nessa experiência de ensino-aprendizagem vivenciada por aquela comunidade escolar ao longo do ano letivo de 2020.

Dessa forma, o *corpus* analítico da investigação foi composto por dois livros do campo da teoria da Geografia e do ensino de Geografia, respectivamente, além de quatro artigos científicos que versaram sobre o ensino e o ensino de Geografia em períodos de pandemia.

Os materiais foram discutidos com objetivo de apresentar os objetivos, conceitos e resultados principais de cada proposição para, em conjunto, elaborar discussões relacionadas aos textos e ao ensino de Geografia em tempos de Covid-

19, de modo a favorecer discussões que provoquem novas reflexões a partir da realidade vivenciada. É fundamental destacar que o presente texto não objetiva-se em esgotar o debate sobre o tema, ao contrário, disponibiliza-se a presente discussão para fomentar o debate e originar o avanço do campo do ensino de Geografia.

Em cumprimento aos mais altos padrões de ética na pesquisa em ciências humanas, o presente estudo dispensou análise do Comitê de Ética na Pesquisa, uma vez que se tratou de pesquisa de levantamento bibliográfico, uma das exceções previstas na Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016).

4

3 Resultados – quanto à literatura e o ensino de Geografia em tempos de pandemia

Inicialmente, é imperativo retomar o objeto de estudo da ciência geográfica, para que se possa ter em tela a que se objetivam, em geral, os esforços analíticos do campo da Geografia como um todo. Nessa leitura, o entendimento proposto por Santos (1997) de que o referido objeto seja o espaço geográfico, compreendido como “um conjunto indissociável de sistemas de ações e sistemas de objetos [...]” (p. 32) coloca-nos frente ao entendimento da complexidade que envolve a própria conceituação do espaço, na medida em que múltiplos elementos são incluídos em sua abrangência. Ora, se o objeto de estudo da Geografia é o espaço geográfico, em qualquer período histórico as atenções dessa ciência se voltam, majoritariamente, aos olhares espaciais. Questionam-se, dessa forma, quais seriam as espacialidades envolvidas em possíveis análises sobre a pandemia da Covid-19?

Assim como as categorias geográficas auxiliam na compreensão do entendimento das constituições do espaço, em tempos de pandemia as mesmas também reforçam importantes possibilidades analíticas. O território, entendido, no geral, como as relações de poder sobre o espaço, ganha variados exemplos a partir das territorializações que a vacina, por exemplo, vem ganhando na contemporaneidade. O lugar, compreendido, em amplo espectro, como as relações de proximidade/identidade com o espaço, pode ser compreendido a partir das novas

relações vivenciadas nos diversos espaços, em períodos de distanciamento corporal. A paisagem, abrangida, geralmente, como as formas de percepção do espaço pelos sentidos, que ganhou novas leituras, a partir das novas percepções que o espaço nos proporcionou, tanto em relação ao maior período de isolamento, quanto à diminuição dos fluxos percebida em períodos de pandemia.

5 Ainda, como nos aponta Cavalcanti (2008) é fundamental retomar a constituição da Geografia escolar, que, segundo a autora trata-se de uma ciência que possui uma especificidade advinda em parte dos conhecimentos acadêmicos; em parte dos movimentos curriculares; e em parte dos processos e práticas escolares. Portanto, se faz necessário, em um primeiro momento, afastar qualquer entendimento de que o componente curricular de Geografia, presente nos espaços escolares, seria apenas a reprodução do que a academia vem produzindo. Para além dos conhecimentos acadêmicos – que são fundamentais, diga-se e enfatiza-se – a Geografia escolar também é alimentada e formada pelos movimentos curriculares e todos seus elementos correlatos, como a dinâmica dos livros didáticos, as definições sobre a Base Nacional Comum Curricular, entre outros aspectos; incluem-se, ainda, nessa composição, os processos e práticas desenvolvidos nos espaços escolares, é dizer: a escola também é produtora de conhecimentos!

Ao entender que a Geografia escolar é formada e construída por tais elementos, há que ser reconhecer que os conhecimentos acadêmicos em tempos de pandemia configuram-se como ricas oportunidades de trabalho nas aulas de Geografia. A quantidade de novos conhecimentos produzidos não é pouca e pode ser analisada nos mais diversos campos de atuação que abrange o conhecimento geográfico. As discussões sobre o urbano, por exemplo, demonstram o quanto a área da Geografia Urbana vem contribuindo no entendimento dos processos e transformações vivenciados nas cidades. A Geografia as saúde, ainda, possibilitando relevantes análises sobre a espacialização da pandemia e os fluxos envolvidos na dispersão da doença e, mais recentemente, nos acordos e na distribuição das vacinas.

Ainda, os movimentos curriculares, nesse contexto pandêmico, reforçaram pela prática sua característica fundamental: os currículos escolares não são estáticos. São composições em permanentes rearranjos, acordos, reacomodações, disputas de forças e de poder no espaço escolar. As incontáveis adaptações que as múltiplas realidades escolares realizaram ao longo do ano letivo de 2020 demonstram que os currículos escolares seguem sendo um dos espaços de maiores disputas na escola. Ao utilizar as expressões “espaço” e “disputa”, para nos referirmos ao currículo, é imperativo pensar nesse elemento da escola enquanto território – por assim usar conceito próprio da Geografia.

Não menos importantes são os processos e práticas escolares que, nesse sentido, ganharam novas roupagens em meio à pandemia. Aqui, um elemento-chave para análise do campo do ensino de Geografia se destacou: as desigualdades educativas encontradas em países como o Brasil. Ao passo em que as escolas das redes privadas rapidamente adaptaram-se aos formatos digitais, nomeando-se como for – ensino remoto; educação à distância; estudos remotos; estudos à distância, entre outras tantas nomenclaturas – as instituições das redes públicas federal, estadual e municipal tardaram mais tempo nessa organização, e, na ampla maioria dos casos, por não dispor as mesmas condições de estrutura da outra rede. Nesse sentido, as práticas escolares experimentadas por sujeitos estudantes de distintas realidades sociais promoveram o aumento do abismo já existente: enquanto uns aprendiam Geografia, em suas casas, com internet de qualidade, a partir de aplicativos como o *Google Earth*, por exemplo, outros sequer estavam tendo acesso ao estudo no período pandêmico. Reforça-se, nessa leitura, o papel crucial dos professores e das professoras das realidades públicas do Brasil, que, de modo hercúleo e sem o devido apoio e estrutura, desempenham papel louvável no avanço da educação brasileira, em tantos casos aportando subsídios pessoais para poder desenvolver seu trabalho docente.

Em um texto dirigido a fomentar algumas discussões sobre a ciência geográfica como um todo (OLIVEIRA, 2020a), buscamos promover reflexão sobre as relações entre a Geografia e a pandemia da Covid-19. Nessas ponderações, alguns elementos-chave nos pareceram fundamentais, são eles: globalização;

especialização/cartografia; demografia; urbanização; economia e política. Em uma intenção de alargar tais discussões já iniciadas, como ficariam tais elementos, portanto, se olhássemos pelas lentes do campo do ensino de Geografia? Inicialmente, é preciso considerar que o vírus se espalhou rapidamente pelo globo em função dos processos da globalização e, com isso, o trabalho sobre esse assunto ganhou novos e ricos exemplos e possibilidades pedagógicas, na medida em que as análises iniciais de dispersão do vírus pelo planeta levam ao entendimento de que os meios de transporte intercontinentais – em especial os aviões de longa distância – colaboraram ativamente nesse processo. Ainda, ao pensar sobre a questão da espacialização dos dados da pandemia por meio da cartografia, o uso dos mapas construídos ao longo do período pandêmico tem se tornado em importante estratégia de inserção da cartografia no cotidiano de trabalho pedagógico, uma vez que o tema em voga é a própria pandemia, a análise dos dados do fenômeno a partir da produção cartográfica do mesmo constitui-se em elemento chave que possibilita maior engajamento dos estudantes. Ao pensar a “demografia do vírus”, um dos principais elementos a ser trazido à discussão nas aulas de Geografia é a efetividade e a necessidade do distanciamento corporal e, nessa leitura, os movimentos demográficos presentes ao longo da pandemia, bem como o papel social da Geografia presente na escola vem à tona: não se pode falar de pandemia em sala de aula – seja ela como for – sem manter, garantir e aprofundar o compromisso social das informações com comprovação científica de manter o distanciamento corporal, usar as máscaras e lavar as mãos com frequência.

Dando sequência a essa listagem de alguns dos elementos possíveis de serem trabalhados nas aulas de Geografia em tempos de pandemia, ficamos frente ao tema da urbanização e das importantes discussões sobre o impacto da pandemia naqueles que não tem acesso à moradia ou, quando o tem, vivem em regiões sem acesso ao saneamento básico, realidade tão presente no Brasil. Esse reconhecimento, em sala de aula, potencializa o senso crítico dos estudantes, que, tomando noção da realidade, possuem maior instrumentalização para agir. Ainda, a economia – em constante pauta e, muitas vezes dicotômica à saúde – possui

múltiplas possibilidades de trabalho pedagógico. Há que se questionar, portanto, de que economia se está abordando: a do capital – que pensa no lucro pelo lucro – ou a do social – que pensa no bem estar dos indivíduos? Por aí, já se vão intensas discussões sobre o tema. Por fim, a política, elemento central no debate pandêmico no mundo e, em especial, no Brasil. As inações do governo federal assustam e colocaram o Brasil no fim da fila internacional pela vacina. A negação constante da pandemia acelerou e aumentou o número de casos graves e de óbitos. Em países nos quais os governantes atuaram com mais firmeza em relação à Covid-19, os números de casos foram menores e as mortes, por consequência, também. Não com a intenção de esgotar o debate da literatura – ao contrário, em querer promovê-lo ainda mais – se faz urgente repensar as estratégias que envolvem o ensino de Geografia em tempos de pandemia, em especial à constituição das novas práticas de ensino, das quais promoveremos debate no tópico que segue.

4 Resultados – quanto à prática docente no ensino de Geografia por meio de estudos dirigidos remotos, no Colégio de Aplicação da UFRGS

Assim como a ampla maioria das instituições de ensino no Brasil e no mundo, o Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul necessitou adaptar-se à nova realidade encontrada, a partir do momento em que se percebeu que o distanciamento social tratava-se de uma medida efetiva a ser implementada. Nesse sentido, em 15 de março de 2020, o Reitor da Universidade assinou Portaria referente à suspensão das atividades presenciais na instituição e, com isso, houve também a suspensão das aulas presenciais no Colégio de Aplicação da UFRGS. Diante desse cenário, uma comissão interna reuniu-se e encaminhou a realização de atividades remotas que se passaram a serem denominadas de “estudos dirigidos remotos”, atividades que seriam alcançadas aos estudantes, semanalmente, por componente curricular, via site da instituição, cujas devolutivas dos alunos deveriam ser encaminhadas aos emails dos professores. Tal dinâmica perdurou até o final do ano letivo, dado em 22 de dezembro de 2020.

9

É interessante destacar que tais encaminhamentos pedagógicos de caráter emergencial foram frutos de uma articulação muito ágil por parte da comissão que os organizou, uma vez que em nenhum cenário possível de previsão, para a organização do ano letivo de 2020 encontrava-se uma pandemia. Logo, na falta de planejamento para tal emergência sanitária, e, ainda, sem a devida estrutura técnica e preparo docente para o ensino remoto, a estratégia adotada pôde ser avaliada, no final do período, como algo de sucesso, para além das inúmeras limitações presentes na proposta.

Foram encaminhados estudos dirigidos remotos relacionados ao componente curricular de Geografia desde o 5º ano do Ensino Fundamental, com o componente curricular “Ciências Humanas”, compartilhado entre as áreas de Geografia e História; passando pelos anos finais do Ensino Fundamental; pelo Ensino Médio; e chegando à realidade da Educação de Jovens e Adultos. Em outras palavras, todos os estudantes da instituição, a partir do 5º ano do Ensino Fundamental, tiveram contato com os estudos dirigidos remotos do componente curricular de Geografia. Nesse sentido a carga horária referente à grade curricular presencial foi dada como cumprida, na medida em que as atividades remotas foram planejadas para que sua realização levasse o tempo da efetiva carga horária que seria efetivada no modo presencial.

Antes de abordar em específico a realidade que foi vivenciada nos estudos dirigidos remotos de Geografia na instituição, parece-nos fundamental retomar algumas premissas básicas das quais acreditamos que pautem a essência do ensino de Geografia, para além dos múltiplos cenários de ensino ou dos variados fatores que poderiam ser impostos com a chegada da pandemia. Um primeiro elemento a ser pontuado diz respeito à alfabetização espacial, sendo compreendida como a instrumentalização para que os sujeitos possam ler, interpretar, escrever e resolver problemas em seus espaços proximais, vividos, percebidos e realizados. Outro tópico fundamental pode ser entendido como a formação cidadã dos estudantes, já que as noções de ser-no-mundo e estar-no-mundo – e seus amplos debates – passam pelo ensino de Geografia, na medida em que a Geografia é fundamental na construção de sujeitos que participem da vida social sendo, o

espaço, elemento chave para tais compreensões. Uma terceira premissa a ser destacada trata-se do uso das múltiplas linguagens no ensino de Geografia: mapas, globos, aplicativos, músicas, vídeos, imagens, textos... São alguns dos elementos fundamentais para provocar reflexão sobre a sociedade contemporânea e, com isso, ilustrar os elementos circundantes às realidades dos estudantes.

Realizada essa breve retomada de algumas das premissas as quais entendemos como fundamentais para o ensino de Geografia, para além de qualquer realidade encontrada, resta-nos verificar como ocorreram as atividades do componente curricular nos estudos dirigidos remotos da instituição em tela e, posteriormente, analisar como – e se – tais elementos puderam ser contemplados nas práticas pedagógicas que foram encaminhadas e realizadas em meio ao período de excepcionalidade vivenciado ao longo da maior parte do ano letivo de 2020.

No texto de Oliveira (2020b), apresentamos discussão sobre a composição dos estudos dirigidos remotos de Geografia para os Anos Finais do Ensino Fundamental na instituição analisada e, dentre variados elementos, foi possível analisar as quatro primeiras semanas das atividades do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, formando um *corpus* de 16 atividades. A análise se debruçou em três elementos, quais sejam: tipo de atividade proposta, conteúdo da atividade e recursos empregados na proposta.

Foi possível perceber, em reação ao tipo de atividade proposta, que a maioria tratava-se de questões dissertativas, ou seja, os estudantes eram provocados a responderem, por escrito, sobre determinadas questões que lhes eram apresentadas, referentes aos contextos que estavam sendo estudados. Em um grau menor, o outro tipo de atividade proposta foi a escrita de textos sobre os temas solicitados pelos professores. O principal ponto a ser destacado com essas constatações diz respeito: a) ao papel de autonomia dos estudantes, ao construírem suas respostas; b) ao reconhecimento da autoria dos estudantes; c) ao protagonismo dos processos de aprendizagens por parte dos estudantes. É evidente, nesse sentido, que a mediação dos professores foi fundamental para que esses processos pudessem ter sido efetivados.

Sobre os conteúdos das atividades encaminhadas, os três assuntos mais abordados, em ordem, foram: orientação geográfica, globalização e território brasileiro. Para além da heterogeneidade percebida nos objetos de aprendizagem, os mesmos dizem respeito ao prosseguimento que seria natural dos tópicos a serem trabalhados em Geografia, uma vez que no 6º ano do Ensino Fundamental um dos primeiros assuntos trabalhados trata-se da orientação geográfica; no 7º ano do Ensino Fundamental um dos primeiros assuntos trabalhados trata-se do território brasileiro e nos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental um dos primeiros assuntos trabalhados trata-se das temáticas relacionadas à globalização. Foi possível constatar, dessa forma, que o programa curricular inicialmente previsto para o componente curricular estava sendo seguido naturalmente.

Em relação aos recursos empregados nas atividades, os textos tiveram a maior ocorrência. Aqui, compreendem-se “texto” como os recursos que vão para além do tradicional texto escrito, o que também incluem os mapas, os esquemas, as figuras, as tabelas, entre outros. Nessa leitura, a presença de elementos que possam melhor apresentar os tópicos que estão sendo trabalhados tende a possibilitar maior entendimento, por parte dos estudantes, sobre os objetos de suas aprendizagens naquele momento.

Ainda, na publicação de Oliveira (2020c, no prelo), aplicando forma analítica semelhante, ampliamos o escopo analítico para toda a realidade curricular da instituição, ou seja, do 5º ano até a Educação de Jovens e Adultos e, nesse sentido, verificamos que os tipos de atividades mais recorrentes seguiram sendo as questões dissertativas e a produção de textos e que os conteúdos das atividades, em sua maioria, seguiram sendo orientação geográfica, globalização e território brasileiro. Entretanto, sobre os recursos empregados, subdividimos a categoria anteriormente criada de “texto”, e, em disparada, o uso dos mapas se destacou. Nesse trabalho não foi possível verificar os materiais apresentados pela Educação de Jovens e Adultos, uma vez que não houve regularidade no envio de atividades que fossem específicas do componente curricular de Geografia, algumas atividades tratavam-se das mesmas para diferentes níveis da etapa escolar e que algumas atividades não eram específicas de Geografia.

Outros estudos, como o de Vasques e Oliveira (2020) discutiram o mesmo formato adaptado (estudos dirigidos remotos) na mesma instituição (Colégio de Aplicação da UFRGS), contudo, a partir das análises sobre outro componente curricular: a iniciação científica. No texto, fica evidente que a forma de atuação pedagógica encontrada – os estudos dirigidos remotos – cumpriu, em certo grau, a função de manter os estudantes com algum tipo de vínculo com a escola e com seus processos de aprendizagem, ainda que, no contexto analisado, os tópicos trabalhados não contemplaram boa parte dos objetivos previstos no planejamento do componente curricular, por mais que houvesse as melhores intencionalidades pedagógicas envolvidas ao longo do processo.

As principais potencialidades que podem ser reconhecidas a partir das análises desenvolvidas dizem respeito, inicialmente, à capacidade de adaptação e resiliência encontradas por professores e estudantes ao novo, inesperado e imposto cenário, com a chegada da pandemia da Covid-19. Ainda, no que se refere às premissas básicas entendidas para o ensino de Geografia, é possível considerar que, em algum grau, mesmo que mínimo, as mesmas foram atingidas, em especial pelas formas solicitadas de expressão dos estudantes, pelo prosseguimento – ainda que com adaptações – dos planejamentos iniciais pedagógicos, e pelo uso intensivo de elementos fundamentais para o ensino de Geografia, como é o caso dos mapas.

Assim como o entendimento das potencialidades, descobrir e entender as limitações da estratégia empregada colabora no avanço das discussões sobre o ensino e sobre o ensino de Geografia no contemporâneo. Nesse sentido, a limitação da interação entre estudantes e professores – restrita ao uso do email – poderia ser interpretada como uma das principais restrições ao desenvolvimento de processos de aprendizagem de Geografia mais efetivos, ainda que os mesmos sejam realizados de forma remota. Para tanto, vislumbrando um cenário de que o ano letivo de 2021 se inicie ainda em contexto remoto, se faz urgente que novas estratégias sejam discutidas na comunidade educativa analisada, para que as interações entre os principais atores dos processos pedagógicos seja mais efetiva.

5 Considerações finais

Esse texto buscou apresentar algumas possibilidades de discussões iniciais sobre as potencialidades do ensino de Geografia em tempos de pandemia da Covid-19. Um período tão atípico, como vivenciado, requer, igualmente, análises que fomentem um debate aberto e propício ao avanço do conhecimento nos mais variados campos do saber, como é o caso do ensino da Geografia.

Na literatura, foi possível perceber que a definição do objeto de estudo da Geografia – o espaço geográfico – possui íntima relação e alto potencial de debate em relação ao momento pelo qual a humanidade transita, o de uma pandemia. Ainda, em relação à definição de Geografia escolar, os três elementos básicos que a definem enquanto ciência particular igualmente dialogam com o período de atipicidade pandêmico, já que os conhecimentos acadêmicos, os movimentos curriculares e os processos pedagógicos possuem, ambos, ampla relação com as vivências contemporâneas relacionadas à pandemia.

Nas práticas de ensino relatadas e discutidas, sobre a modalidade de estudos dirigidos remotos do componente curricular de Geografia, no Colégio de Aplicação da UFRGS, ao longo do ano letivo de 2020, foi possível perceber os recursos mais empregados nas propostas, os tipos de atividades mais solicitadas e os conteúdos das mesmas. Há, mesmo que de modo adaptado, determinada continuidade nos planejamentos pedagógicos previstos para um ensino presencial mesmo antes da pandemia. Ainda, elementos como o mapa, por exemplo, seguiram sendo como referência nos materiais encaminhados, o que, em uma leitura inicial, permite afirmar que a essência de espacialidade da Geografia escolar manteve-se no período de excepcionalidade.

Entre erros e acertos, ficam evidentes as boas intenções de todos os atores envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem realizados ao longo de 2020, não apenas na instituição que serviu de cenário para a presente análise, mas na ampla maioria dos espaços educativos do país e do mundo. As desigualdades sociais, lamentavelmente, aumentaram ao longo desse período e em tantas realidades não foi possível nenhum tipo de adaptação ou, ainda, foram realizados

esforços para que os estudantes tivessem o mínimo de acesso ao conhecimento em tempos pandêmicos.

Se a pandemia da Covid-19 veio nos ensinar múltiplos aprendizados, um dos que mais vêm se destacando é o da resiliência, pois em um contexto de distanciamento corporal, de adaptações a novíssimas e nunca antes pensadas estratégias de ensino e aprendizagem, de tantas perdas físicas e emocionais, estudantes e professores mantiveram-se, dentro do possível nas mais variadas realidades, formando, mais uma vez, a educação como aquele agente transformador da sociedade.

Pensar o ensino de Geografia nesse contexto, portanto, é pensar que o espaço geográfico não será mais o mesmo, ainda que toda a população mundial seja vacinada e que as situações voltem, em determinado grau, a um nível de normalidade. Novos debates surgiram, novas estratégias educativas despontaram, novas lições foram aprendidas. Escola, estudantes, professores, gestores e todos os demais atores desses movimentos ainda seguem aprendendo como lidar com a situação. Para o ano de 2021 ainda restam muitas incertezas, entretanto, uma certeza já é possível afirmar: estaremos mais fortes do que no ano anterior! Que venham, portanto, os novos desafios.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510**, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1. p. 44-46. Disponível em:

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html

Acesso em: 03 jan. 2021.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. 1. ed. Campinas: Papirus, 2008. 190p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. O papel da Geografia diante da pandemia da Covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 03, n. 07, p. 80-84, 2020a. Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/Nedel/3024> Acesso em: 03 jan. 2021.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Estudos remotos em tempos de Covid-19: o caso da Geografia no Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação da UFRGS. **Revista Científica Educ@ção**, v. 04, n. 08, p. 946-955, 2020b. Disponível em: <https://periodicosrefoc.com.br/jornal/index.php/RCE/article/view/104> Acesso em: 03 jan. 2021.

15

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Estudos domiciliares na pandemia da COVID-19 e a Geografia no Colégio de Aplicação da UFRGS. **Revista Navegações: estudos e pesquisas em educação**, 2020c. No prelo.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1996. 388p.

VASQUES, Daniel Giordani; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Iniciação Científica na pandemia: uma análise dos estudos remotos ao Ensino Fundamental. **Interfaces Científicas - Educação**, v. 10, n. 01, p. 164-179, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9084> Acesso em: 03 jan. 2021.

ⁱ **Victor Hugo Nedel Oliveira**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5624-8476>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Doutor e Pós-Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor e Pesquisador do Departamento de Humanidades da UFRGS.

Contribuição de autoria: escrita completa do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7489113176882485>

E-mail: victor.juventudes@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Como fica o ensino de Geografia em tempos de pandemia da Covid-19? **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 1, n. 2, 2020.